

CLARICE LISPECTOR, OU A POÉTICA DA ESFINGE

Nestes tempos em que os enigmas e os desafios foram substituídos pelos entretenimentos de massa, pela satisfação das necessidades materiais superficiais, por pseudo-explicações da realidade, por ideologias baratas, quem estaria disposto a postar-se diante dela?

Por Welington Andrade

A proximidade da data que marca a terceira década da ausência de Clarice Lispector (10/12/1920-9/12/1977) entre nós convida não somente à evocação da memória de uma escritora de talento e personalidade ímpares na história da literatura brasileira, como também nos impele a refletir sobre o significado do ato de ler, nos dias de hoje, em que o mundo das artes, da comunicação e da literatura deixou-se dominar por uma linguagem estereotipada, de acentuada retórica de consumo, que instituiu a ditadura da mediocridade travestida de entretenimento.

A autora de *A hora da estrela* e outras obras-primas é dona de uma das duas prosas mais perturbadoras da literatura brasileira (a outra pertence a João Guimarães Rosa) e certamente advém dessa condição a classificação de sua obra como enigmática, misteriosa e hermética – o que levou curiosamente boa parte de seus não-leitores a, desde cedo, tratarem-na como mito.

Clarice Lispector nasceu na cidadezinha ucraniana de Tchetchelnik, mas mudou-se muito pequena ainda para o Brasil, vindo a naturalizar-se brasileira no início da juventude. Sua infância foi passada no nordeste do País, primeiramente em Maceió, depois em Recife. Em 1935 ela vai morar no Rio de Janeiro, onde termina os estudos ginasiais e secundários, matriculando-se, em seguida, na Faculdade Nacional de Direito.

Aos anos, ela ingressa na Agência Nacional do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), como redatora e repórter, iniciando, assim, a carreira jornalística que irá desenvolver até o fim da vida, sobretudo como forma de lhe garantir o sustento. No dia 23 de janeiro de 1943 Clarice se casa com Maury Gurgel Valente, que poucos anos antes havia ingressado na carreira diplomática. Tem início, então, o extenso período de viagens ao exterior que ela empreenderia como esposa de diplomata. De 1944 a 1959, o casal mora sucessivamente em Nápoles, Berna, Torquay e Washington, entre algumas breves passagens pelo Brasil. Separada de Maury, com quem teve dois filhos, Clarice retorna ao país em 1959 e passa a residir fixamente no Rio de Janeiro, dedicando-se ao jornalismo e intensificando, então, sua atividade literária.

O primeiro livro publicado pela autora é o romance *Perto do coração selvagem* (1944), logo aplaudido por críticos do porte de Sérgio Milliet e Antonio Candido. Seguem-se a ele os romances *O lustre* (1946) e *A cidade sitiada* (1949), que, muito embora não recebam a mesma acolhida, inscrevem o nome da escritora no rol dos criadores de uma literatura experimental de altíssimo nível e a fazem aqui e ali ser objeto de admiração.

O estatuto de "a grande ficcionista de sua geração" lhe é conferido com a publicação do volume de contos *Laços de família* (1960) e do romance *A maçã no escuro* (1961). Em 1964, ela publica *A paixão segundo G.H.* – certamente seu romance mais complexo e mais comentado – e novo volume de contos, *A legião estrangeira*, que acaba sendo abafado pelo extraordinário sucesso que obtém a história da mulher em contato metafísico com uma barata.



Depois de *G.H*, Clarice alarga a compreensão usual da forma romanesca, lançando *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1969), *Água viva* (1973) e *A hora da estrela* (1977), ao que se soma o volume póstumo *Um sopro de vida* (1978).

No conto, ainda brindaria seus leitores com as narrativas repletas de densidade e exotismo de *Felicidade clandestina* (1971), *Onde estivestes de noite* e *A via crucis do corpo* (ambos de 1974) e o também póstumo *A bela e a fera* (1979).

De sua pequena lavra dedicada à literatura infantil, destacam-se *O mistério do coelho pensante* (1967), *A mulher que matou os peixes* (1968) e *A vida íntima de Laura* (1974). O melhor das crônicas que produziu pode ser encontrado também em *Para não esquecer* (1978) e A descoberta do mundo (1984), coletânea dos textos publicados originalmente no *Jornal do Brasil*, de 1967 a 1973.

Todos esses títulos e uns tantos outros que reúnem algumas das entrevistas e matérias jornalísticas realizadas pela autora, além da correspondência ativa e passiva que ela manteve com ilustres personalidades brasileiras, são facilmente encontrados nas boas livrarias, por iniciativa da editora Rocco, que se lançou, nos últimos anos, à bem-vinda tarefa de editar o catálogo completo da autora.

Para o leitor que deseja se iniciar em Clarice Lispector, a novela *A hora da estrela* e os contos de *Laços de família* e *A legião estrangeira* são certamente ótimas portas de entrada, uma vez que é preciso se alfabetizar minimamente no idioma literário da escritora a fim de poder usufruir, então, a volúpia e a vertigem contidas em *A paixão segundo G.H.* e *Água viva*, por exemplo.

Para o crítico Benedito Nunes, um dos grandes examinadores da prosa clariciana pela ótica da filosofia, a obra da autora trata do problema do ser e do dizer

A não-sapateira prodigiosa

A literatura de Clarice move-se por diferentes registros de escritura, sobretudo a ficção, o ensaio e o poema, e embaralha a concepção clássica de gênero, enredo e personagens. Diferentemente de boa parte dos companheiros de sua geração, ela não se interessou pela abordagem sociológica ou psicológica do real, preferindo investigar a dimensão metafísica da vida – daí a grande obsessão da autora em querer investigar a condição animal do homem e a condição humana do animal, por exemplo.

À autora interessa empreender a busca da "coisa em si", do inefável, daquilo que não se consegue pronunciar. Entretanto, destituídos de tom grandiloqüente e sem a pretensão de proferir verdades definitivas, os textos priorizam o detalhe, o circunstancial, as bordas da vida, assentando-se por sobre um discurso que é epifania pura.

Ler Clarice implica querer romper com o automatismo da experiência cotidiana – presente, inclusive, em grande parte da produção artística e literária contemporânea

O que mais salta aos olhos é a grande perspicácia com que Clarice tenta apreender ângulos inusitados no trato da linguagem, em geral, e da língua portuguesa, em particular; o radicalismo com que ela explora o vasto espaço da escrita – o que levou o crítico português Carlos Mendes de Souza a declarar que se trata "da primeira mais radical afirmação de um não-lugar na literatura brasileira"; e a eleição, dolorosa, porém necessária, de uma atitude de errância fora da linguagem comum, que leva obrigatoriamente à questão da impossibilidade de encontrar nomes.

Para o crítico Benedito Nunes, um dos grandes examinadores da prosa clariciana pela ótica da filosofia, a obra da autora trata do problema do ser e do dizer. Uma vez que a sede de experimentação faz implodir os constituintes formais da narrativa, a língua, em Clarice, adquire o mesmo caráter dramático do enredo, mas aponta para a angústia e desconsola, porque é preciso a todo custo "falar daquilo que nos impõe ao silêncio", segundo Nunes.

Por romper a todo o momento com a noção de texto passivo – que estabelece uma relação de frouxidão, quando não de alienação, com o ato da leitura –, a obra de Clarice Lispector não é um produto facilmente digerível, disposto a preencher as necessidades do mercado editorial.

Ler Clarice implica querer romper com o automatismo da experiência cotidiana – presente, inclusive, em grande parte da produção artística e literária contemporânea.



Para fruir (na acepção de Roland Barthes) a obra literária da autora, nos dias de hoje, é preciso estar preparado para adentrar um mundo conhecido, porém estranhado, e lê-la sem pressa, recuperando o "ócio das antigas leituras".

Que cursos universitários (que não os de Letras, quando muito), que professores ou mesmo que leitores estão dispostos a postar-se diante dessa Esfinge, nos tempos modernos, em que os enigmas e os desafios foram substituídos pelos entretenimentos de massa, pela satisfação das necessidades materiais superficiais, por pseudo-explicações da realidade, por ideologias baratas? Como tratar da urgência de ler a autora e refletir sobre sua obra, em um país onde o pensamento se reduz à histeria da palavra e à repetição ad nauseam da sempre mesma fraseologia proferida em tom tonitruante, em que é raro pensar com a sensibilidade e sentir com a inteligência?

Os melhores contos de Clarice, seus grandes romances, suas crônicas e sua exemplar novela podem funcionar como antídotos contra a vida moderna, ameaçada de se deixar soterrar pelo maciço consumo de vulgaridade. Diante de um mundo em que a dor e a angústia estão cada vez mais dissimuladas por um linguajar de tipo mecânico, hipnótico, infantil, a escritura da autora convida o leitor ao confronto com sua condição, com a insensatez da realidade, com o medo, inclusive, da expressão que pode abrir demais e devassar o cofre das palavras, como ela mesma, por meio de seu humor tão peculiar, muito bem tentou alertar: "Mas tenho medo: escrever muito e sempre pode corromper a palavra. Seria para ela mais protetor vender ou fabricar sapatos: a palavra ficaria intacta. Pena que não sei fazer sapatos".